



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde.

“CULTURA, RELIGIOSIDADE E SAÚDE: DE RECIFE AO RIO DE JANEIRO.
MOVIMENTOS DO MARACATU DE BAQUE VIRADO”.

THAÍS CORRÊA DE MEDEIROS

Orientador
Márcio Luiz Mello

Rio de Janeiro
2015

Thaís Corrêa de Medeiros

“Cultura, religiosidade e saúde: de Recife ao Rio de Janeiro. Movimentos do Maracatu de Baque Virado”.

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Assinatura do Aluno

Assinatura do Orientador

A todos os companheiros de jornada da Pós- Graduação.

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Elza Corrêa, companheira fiel e grande incentivadora de todos os projetos. À minha mãe e irmã, Tania Corrêa e Thainá Corrêa, sem vocês sou pá furada!

À amiga Fernanda Rodrigues, a grande responsável pela minha entrada na pós graduação, sem seu incentivo e aposta, eu não teria conseguido.

Ao amigo Paulo Sérgio, amigo incansável que muito me orientou na reta final deste trabalho. Agradeço a amizade de anos e o aprendizado.

À minha turma da pós graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, por serem os melhores companheiros de jornada que eu poderia ter. Com seus olhares e práticas que sempre me fizeram enxergar além da minha prática profissional. Agradeço especialmente à Ângela Morelli, Thiago Tavares, Giovana Bergo, Taís Monteiro, Paula Ferrão, Ananda Souza e Leandro Batista, pela amizade e por serem minha referência.

Às nações de Maracatu de Recife e a todos que lutam pela afirmação e disseminação desta cultura tão rica. E que em seus fazeres a trouxeram até o Rio de Janeiro, me possibilitando reinventar o que eu sou. À Nação Estrela Brilhante do Recife que me acolheu e me faz reverenciar e viver minha ancestralidade de forma única aos sons dos tambores, minha eterna gratidão.

À todos os brincantes, pesquisadores e amigos apaixonados que encantam e corporificam a magia do maracatu. “ Ô que baque é esse que eu to escutando”

Ao meu orientador Márcio Luiz Mello, por me fazer experimentar um novo mundo antropológico. Gratidão!

Aos professores Francisco Romão, Marcus Matraca e Valéria Trajano por fazerem a diferença na minha vivência pessoal e profissional, pelo carinho e amizade.

À Lúcia La Roque por sua preciosa revisão e incentivo.

(...) É assim. Os caminhos não estão feitos, é andando que cada um de nós faz o seu próprio caminho.

A estrada não está preparada para nos receber, é preciso que sejam os nossos pés a marcar o destino, destino ou objetivo ou que quer que seja.

José Saramago.

RESUMO

Pensando na ampliação e aprofundamento das relações entre os serviços de saúde, as diferentes culturas, a religiosidade e o saber popular; partimos da vivência do Maracatu de Baque Virado para conhecermos suas relações com as proposições da promoção da saúde e a vivência dos diversos sujeitos em sua terra natal Recife, como também no Rio de Janeiro. A partir dos eixos desta pesquisa que são a cultura, a religiosidade e a saúde nos propusemos a compreender as diversas relações, arranjos e investigamos o papel do Maracatu de Baque Virado como promotor da saúde. Esperamos que as reflexões sobre os elementos que envolvem a promoção da saúde, bem como a cultura e a religiosidade disparem novos estudos em outros espaços de investigação que possam de alguma forma impulsionar novas políticas.

Palavras-chave: Cultura, religiosidade, saúde, Maracatu de Baque Virado.

ABSTRACT

Thinking about the expansion and deepening of relations between health services, different cultures, religion and popular knowledge; we start from the experience of Maracatu Baque Facing know its relations with the propositions of health promotion and the experience of the various subjects in his native Recife, as well as in Rio de Janeiro. From the axis of this research are that the culture, religion and health set out to understand the various relationships, arrangements and investigate the role of Maracatu de Baque Virado as a health promoter. We hope that the reflections on the elements that involve the promotion of health as well as the culture and religiosity shoot new studies in other research areas that may boost new policies.

Keywords: Culture, religion, health, Maracatu de Baque Virado.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	9
2- OBJETIVOS GERAIS:.....	15
3 – MARCO TEÓRICO	16
3.1 – Reflexões sobre saúde e cultura.....	16
3.2 – Reflexões sobre o Maracatu de Baque Virado: do Recife ao Rio de Janeiro.....	23
4 - METODOLOGIA	31
5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	34
5.1 - Categoria 1: O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre promoção da saúde..	34
5.2 - Categoria 2: O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre religiosidade.....	39
6- CONCLUSÃO	43
7 - REFERÊNCIAS	45
Anexo I- TCLE.....	48
Anexo II – Parecer CEP.....	50
Anexo III- Autorização Imagem.....	53
Anexo IV - Roteiro entrevistas.....	54
Anexo IV– Fotos	55

1 – INTRODUÇÃO

A partir da década de sessenta um amplo debate vem sendo realizado em diversas partes do mundo o que realça a determinação econômica e social da saúde e consequentemente abre novos caminhos reflexivos para abordagens positivas¹ nessa área (FERREIRA, 2002).

Com o intuito de superar a orientação anterior predominantemente centrada no controle da enfermidade, a promoção da saúde surge como uma das estratégias de produção de saúde, ou seja, como um modo de pensar e de operar articulado às demais políticas e tecnologias desenvolvidas no sistema brasileiro, o que contribui na construção de ações que possibilitam responder às necessidades individuais e da coletividade.

No que se refere às necessidades singulares tradicionalmente observamos que os modos de viver têm sido abordados numa perspectiva individualizante e fragmentária, colocando os sujeitos e suas comunidades como responsáveis únicos pelas várias mudanças e arranjos ocorridos no processo saúde-adoecimento ao longo da vida (WAGNER, 2010).

Agora numa perspectiva ampliada de saúde como definida no âmbito do movimento da Reforma Sanitária brasileira, do Sistema Único de Saúde (SUS) e das Cartas de Promoção da Saúde, “*os modos de viver não se referem apenas ao exercício da vontade ou liberdade individual e comunitária*” (FERREIRA, 2002). Ao contrário, os modos como sujeitos e coletividades elegem determinadas opções de viver, organizam suas escolhas e criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses pertencentes à ordem coletiva, uma vez que seus processos de construção se dão no contexto da própria vida.

Nesse sentido, reforçamos esse pensamento quando Minayo (2006) diz que “a saúde, bem como as doenças e até a morte, estão relacionadas com características organizacionais e culturais de cada sociedade.” Ao considerarmos os parâmetros da promoção da saúde, percebemos que os modos de existir vão além dos modos institucionalizados de controle social, o que implica, por meio da criatividade e do

¹ Optamos por utilizar o termo “positivo” no contexto individual e coletivo justificada pela valorização que o autor utiliza como componente central à saúde no desenvolvimento humano; atravessado por seus determinantes e os fatores necessários para assegurar a qualidade de vida e o direito ao bem-estar social (FERREIRA, 2002).

espírito inovador, nos mecanismos de mobilização e participação como, por exemplo, os vários movimentos e grupos sociais.

As ações em saúde ao se organizarem em rede indicam que estão vinculadas às necessidades percebidas e vivenciadas pela população nos diferentes territórios, sendo que a saúde, uma produção social de determinação múltipla e complexa, exige a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos em sua produção.

Isso nos leva a contrapartida necessária para a formação de políticas de saúde que abarquem os complexos aspectos que se relacionam com as múltiplas subjetividades das comunidades e sujeitos envolvidos. Optamos por utilizar neste momento inicial o termo complexo, pois ele está circunscrito nos corpos que decodificam e operacionalizam de forma viva nos diversos contextos as referidas políticas.

Quando pensamos em políticas de saúde, várias são as estratégias que são desenvolvidas nos cenários sociais. Isso pode incluir as diversas manifestações artísticas e culturais que podem ser pensadas como modos operantes da promoção da saúde. No cenário brasileiro essas manifestações artísticas ganham visibilidade cada vez maior junto ao mundo, devido sua capacidade de expressar sua riqueza cultural, o que nos incita ainda mais a refletir sobre seus aspectos na promoção da saúde.

É preciso neste ponto localizar os leitores, sobretudo nos aspectos que se tornam favoráveis para a população brasileira pensar nas expressões artísticas entrelaçadas a conceitos de saúde-doença. Para isso, dialogamos de forma integrada com as regiões nordeste e sudeste, mais precisamente Recife e Rio de Janeiro, por observar que nos movimentos artísticos-expressivos ali localizados, os sujeitos são convidados a (re)pensarem o corpo como unidade integrada e integradora, o que substitui a visão reducionista da doença para um discurso ampliado das formas de ser e estar em comunidade.

A discussão que nos cabe está situada, portanto, entre os sujeitos que constituem a Nação Estrela Brilhante de Recife, buscando as diferenças entre seus saberes e fazeres, em relação ao grupo Rio Maracatu que se encontra na cidade do Rio de Janeiro. Ao pensar nessa ampliação que dispõe a transcender a visão biológica do corpo para integrar o indivíduo numa comunidade; entendemos que existem elementos peculiares inerentes a esse processo, no qual destacamos: a importância das relações existente entre os sujeitos, as diferentes culturas, diversas religiões o que localiza a potência do

saber popular no fortalecimento da identidade de pessoa-grupo no fazer do Maracatu de Baque Virado, movimento artístico expressivo e religioso de interesse neste estudo.

O Maracatu de Baque Virado esta imerso em movimentos que ora o colocam visível como um elemento imprescindível para que o carnaval em seu núcleo natal aconteça, ora como invisível, durante boa parte do ano àqueles que desconhecem seu valor histórico e cultural; tanto no território brasileiro como mundial. Faz - se importante reconhecer que seus elementos contam a história artística e imaterial de Pernambuco, bem como da subjetividade e identidade de um povo que está sempre em desenvolvimento, indo além de sua terra natal (LIMA, 2008).

Seus fazeres e crenças, ganham força e releituras à medida que ocupam novos territórios, entre esses, já mencionado a ponte estabelecida com o Rio de Janeiro. Certamente estas novas decodificações são alvos de disputas, mediações e conflitos nos contextos que estão inseridos. Isso porque sua identidade ganha força ou é fragilizada à medida que os atores sociais vivenciam os seus elementos junto às relações com a saúde e religiosidade, que ditam as peculiaridades destes grupos.

Vivências que dão formas e contornos distintos quando também nos colocamos a observar os diferentes momentos históricos onde a título de contextualização destacamos que das organizações de negros escravizados teriam surgido muitas manifestações culturais populares que passaram a realizar encontros e rituais em torno das representações sociais, dando origem ao Maracatu de Baque Virado. A princípio, as nações seriam o lado profano da manifestação da fé e da religiosidade ligada ao candomblé ou Xangô pernambucano, podendo ter sido modificada esta relação ao longo do tempo (LIMA ,2008).

A partir da década de noventa no Brasil o Maracatu de Baque Virado assumiu grande notoriedade com o impulso dos movimentos sociais, tais como o Movimento negro unificado (MNU), Nação Leão Coroado, movimento Mangue Beat (que tem como principais expoentes Chico Science e o grupo Nação Zumbi).

Falamos de forma geral da identidade criada e citamos pequenas unidades conceituais do Maracatu junto ao cenário brasileiro ao que nos parece imprescindível, o sentimento de pertencimento dos sujeitos, das comunidades e grupos, criados a partir da vivência do maracatu, a presença dos elementos religiosos e a possível ligação com a saúde.

O Maracatu de Baque Virado como um todo se encontra em movimento na sua prática estética e o embate existente entre as transformações históricas, os mitos e as crenças também permeia a construção social e identitária de seus componentes.

O que está em jogo é a formação das relações dos envolvidos, a história de suas vivências e crenças que circundam e sustentam as Nações de Maracatu de Baque Virado, e que podem ou não estar presente nos diversos grupos, seus simbolismos e significados. A cultura passa a fornecer então os elementos que nos permitem interpretar, por exemplo, os eventos relacionados à saúde, ou a sua ausência, e seus simbolismos para os sujeitos desta vivência (MINAYO, 2006).

A partir dessa contextualização temática prévia, emerge a justificativa deste estudo que encontra seu ponto elementar na história de vida e trajetória profissional da investigadora.

Mais especificamente no ano de 2010, transferei o curso de graduação em psicologia que realizava na cidade de Friburgo para Niterói. Era uma grande mudança, pois além de traçar novos rumos na vida profissional naquele momento começava a construir uma nova vida pessoal. Na Faculdade Maria Thereza, comecei a realizar uma trajetória acadêmica mais próxima da psicologia social, onde estagiava em serviços de saúde.

Passei a me dedicar ao projeto de Atendimento Terapêutico Breve e à Organização Não Governamental (ONG) de Cultura Popular Gingas. O enfoque dos atendimentos em psicologia clínica realizados era muito próximos às questões comunitárias, o que me fez buscar dentro da faculdade disciplinas eletivas que pudessem me alicerçar melhor nestes atendimentos.

O processo de trabalho em saúde realizados na ONG utilizava muitos contos e cantos da cultura popular brasileira, o que não era de meu conhecimento até ali e aguçava a minha curiosidade em participar e aprender mais para utilizar nas dinâmicas terapêuticas, que diga-se de passagem envolviam promoção em saúde.

Com o afã em vivenciar culturalmente a cidade do Rio de Janeiro, comecei a partir de indicações a frequentar lugares que me possibilitassem conhecer melhor a cena do que acontecia na cidade, e assim descobri a forte ligação e propagação da cultura nordestina em um projeto denominado Sagarana².

² Sagarana: projeto musical de forró que acontecia na Gafieira Elite, que se localiza ao lado do campo de Santana próximo a região da Central do Brasil, onde grupos culturais eram convidados a se apresentarem antes que o forró acontecesse.

Vivenciei estimulantes experiências junto ao local, o que me levou a aprender sobre a cultura popular brasileira, principalmente o Maracatu de Baque Virado. O fato é que essas experiências que atrelam em si ritmos, movimentos corporais, danças, entre outros, foram fundamentais para os atendimentos terapêuticos que realizava.

Nesse ínterim, comecei a questionar o meu desconhecimento sobre a cultura brasileira como um todo. Em uma destas noites de vivência e experimentação o grupo Rio Maracatu se apresentou, onde fui diretamente impactada pelo seu som, o que me levou a conversar com pessoas daquela área para entender melhor o mencionado universo.

Do lado acadêmico um trabalho realizado no estágio sócio-institucional, da faculdade no âmbito da saúde mental com o grupo Harmonia Enlouquece³, abriu a possibilidade de novas reflexões. O grupo apresenta uma forma peculiar quanto à sua constituição quebrando a representação social de uma banda e de seus músicos. Contra a naturalização e a inclusão de caráter excludente o grupo trabalha o contexto social que taxa os usuários do serviço de saúde mental de incapazes e possibilita a autonomia. Questionando assim valores nitidamente cristalizados no fazer social, bem como o fator terapêutico na relação paciente/médico.

Ainda no contexto acadêmico o encontro com os autores, Foucault, Deleuze e Guattari criaram uma voz coerente de resposta ao que vinha se desenrolando no cotidiano. O que vinha experimentando produzia ecos que encontraram resposta nas teorizações desses autores, possibilitando uma coerência maior no âmbito profissional e pessoal.

Nascia ali uma nova possibilidade dentro do campo da psicologia, trabalhar com arte e a terapêutica. A partir dessa mistura entre teoria e prática portas foram se abrindo no que diz respeito ao conhecimento da cultura popular voltada para o Maracatu de Baque Virado.

As pesquisas sobre cultura popular apontavam para uma vivência acadêmica que foi afetada diretamente pelos questionamentos que escapavam de um enquadre. Dessa forma, o meu foco do interesse ficou extremamente dirigido para o âmbito social. Comecei a perceber o que realmente gostava de fazer e por qual caminho seguiria, desta forma já caminhava para o segundo semestre de 2011 e começava a produzir minha

³ Harmonia Enlouquece: grupo musical que integra clientes com comprometimentos mentais junto a profissionais de saúde.

monografia de conclusão de curso intitulada: “*O corpo no contemporâneo: captura e resistência nos movimentos do Maracatu de Baque Virado*”.

Com base nesse ensaio preliminar inicial concluí a graduação em Psicologia no final do ano de 2011, quando também participava das oficinas de dança do grupo Rio Maracatu. Com intuito de vislumbrar novos horizontes de janeiro a fevereiro de 2012 fiquei imersa em Recife conhecendo de perto o Maracatu de Baque Virado e a cultura pernambucana como um todo; em meu retorno em março de 2012 ingressei na Pós Graduação Lato Sensu Ciência Arte e Cultura na Saúde (CACCS) no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Foi durante as aulas do curso que pude ter novos questionamentos, com conteúdos que me possibilitaram ligações com a minha vivência no Maracatu, onde já participava de alguns grupos na cidade do Rio de Janeiro, dançando e tocando percussão. Assim surgiu o interesse em dialogar com a cultura, a religiosidade e a saúde, partindo da perspectiva dos sujeitos que vivenciam esta prática em seu cotidiano. Regressei no ano de 2014 para Recife a fim de vivenciar novamente o Maracatu de Baque virado dentro da Nação Estrela Brilhante de Recife e começar meu trabalho de campo para esta pesquisa.

Na condição de pesquisadora em formação, consideramos a cultura brasileira, mais precisamente o Maracatu de Baque Virado, um aspecto importante a ser estudado junto à saúde.

É necessário falarmos de nossa cultura e de seus fazeres tão próprios para entendermos melhor a relação que temos conosco e com a sociedade. Relação essa que apresenta em si imbricado religiosidade e saúde. Nesse aspecto surge a questão norteadora deste estudo: pode o Maracatu de Baque Virado promover a saúde?

Nessa perspectiva metodológica encontramos a hipótese deste estudo que esta alicerçada nos componentes do Maracatu de Baque Virado como potencializador de releituras que envolvem cultura, religiosidade e promoção da saúde.

Já temos em mente que essas releituras advindas dos sujeitos a serem investigados podem estar ou não aderidas em um mundo extenso, ligado à cultura afro-brasileira, o que traz consigo simbolismos e formas outras de entender a construção do que chamamos de cultura brasileira.

A partir disso definimos como objeto a ser apreendido nesta investigação, o Maracatu de Baque Virado como estratégia de Promoção da Saúde. Para atender as devidas esferas optamos em definir os seguintes objetivos deste estudo:

2- OBJETIVOS GERAIS:

- Identificar as relações entre o Maracatu de Baque Virado com conceitos de saúde, nos discursos dos participantes da pesquisa, visando correlacioná-los com os conceitos existentes da Promoção da Saúde.

- Identificar aspectos que integram ou não o Maracatu de Baque Virado à religiosidade, bem como os seus desdobramentos na vida dos sujeitos participantes da pesquisa, visando analisar a importância desse determinante social da saúde na vida desses sujeitos.

3 – MARCO TEÓRICO

3.1 – Reflexões sobre saúde e cultura

Surge o caminho teórico a percorrer, de uma curiosidade, o caminho se inscreve como consequência das experiências vivenciadas. O percorrer possibilita portanto o início deste capítulo, pautando-se na impossibilidade de alcançar toda a extensão dos processos que se desmembram nos postulados saúde e cultura.

Seremos convocados a caminhar pelos conceitos do que se estabelece como promoção da saúde, saúde/doença e cultura, instigados por uma trajetória do entre, nas relações que se desenvolvem no entrelaçar de variados conceitos e no campo social em conjunto com as práticas de variados sujeitos.

Cabe nestes primeiros passos uma pequena trajetória entre a saúde e a cultura para num segundo momento, diante do movimento do baque virado, ampliar e debater o postulado que ora nos sustenta entre a saúde e a prática do maracatu.

Para tanto começamos com o questionamento: De que saúde estamos falando? Daquela que podemos identificar como “saúde positiva”, colocando-a numa posição de suficiência quando comparada à visão fragmentada e reducionista, do modelo biomédico.

Segundo, a Carta de Ottawa:

“A saúde deve ser vista como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, promoção de saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem estar global.”
(Czeresnia & Freitas, 2003, p.55).

O conceito positivo neste trabalho está sendo entendido como sinônimo de visão ampliada da saúde. A visão negativa estaria então, por dedução, associada a uma crítica à ideia de saúde como um fim em si mesmo, como algo que pudesse ter ou deixar de ter, postulando-se, em contraposição a uma visão da saúde como meio ou recurso para a vida.

A própria Carta de Ottawa de 1986 postula ainda os recursos necessários como pré-requisitos para a saúde que são: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social, equidade; e, para a mobilização destes recursos seria necessária a participação de outros setores.

Os autores Lefreve & Lefreve (2007), afirmam que a Promoção de Saúde representa uma possibilidade concreta (ainda que difícil de ser concretizada) de ruptura do paradigma no campo da saúde.

“A Promoção de Saúde implica um novo modo de ver a saúde e a doença e também uma mudança social significativa em direção a uma sociedade que não seja, como as atuais, tão dominada pelo princípio da produção para o mercado e para o lucro e pelo consumismo generalizado.”

O objetivo, portanto, é representar algo que venha a ser parecido com uma mudança de paradigma no modo de entender e enfrentar a doença, em decorrência promover a saúde; relacionando-se com a produção e difusão do conhecimento sobre os modos de existência e funcionamento sócio-histórico das doenças ou de cada doença, grupo de doenças em particular, e a sua relação com a vida individual e coletiva, indicando novas políticas e projetos de intervenção comunitários e governamentais.

As ações em saúde estão vinculadas às necessidades percebidas e vivenciadas pela população nos diferentes territórios, onde a saúde, uma produção social de determinação múltipla e complexa, aponta a contrapartida necessária para a formação de políticas de saúde que abarquem os aspectos que se relacionam com as múltiplas características subjetivas das comunidades e atores envolvidos.

Características essas que agregam em si o conceito de subjetividade, essa que em sua categoria, nos afirma sobre:

[...] nosso tempo vacila e perde consistência; mas se trata, para ser preciso, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que leva ao extremo o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal (Agamben, 2009, p.20).

Diante da globalização e de uma comunidade mundial de pessoas que consomem cultura, mudam culturas, e as produzem; a subjetividade se torna mutável, não estanque. Tais mutações não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos homens e na sua maneira de perceber o mundo (GUATTARI; ROLNIK 2005).

Para os autores, todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade, esta fabricada no campo social e coletivamente. Na produção do conceito do que é saúde não seria diferente, encontramos em meio a essa trama, a ideia do reforço da identidade local ou regional que se estabelece diametralmente oposta à rápida globalização de uma comunidade mundial de pessoas (LEYDESDORFF, 2000).

Para Lefreve & Lefreve (2007), a responsabilidade não exclusiva do setor saúde implica entender que o chamado “setor saúde” tem sido, sobretudo, responsável pelo atendimento à doença. Se estamos insatisfeitos com o modo de conceber, praticar e obter saúde, a solução não é deslocá-la, pois assim não esbarraríamos com a saúde ampliada e “positiva” no processo, sendo inscrita como uma atitude ingênua, fantasiosa e voluntarista.

Para os autores:

Soa muito estranho entender que para obter saúde é preciso, “positivamente” deslocar a arena de luta para o plano da sociedade global (espaço indiferenciado de poder que reúne todos os setores: habitação, trabalho, meio ambiente e etc.) deixando para o setor saúde a responsabilidade da doença. (Lefreve & Lefreve; 2007, p30).

A crítica a esses parâmetros se inscreve como a Promoção da saúde pode levar a um grave desentendimento a respeito das relações entre saúde e doença, plano setorial e plano global, especificidade e generalidade.

O que podemos argumentar como uma novidade da proposta, diante da recuperação em novas bases que considera a realidade objetiva da sociedade globalizada, informatizada e as aquisições teóricas da chamada pós- modernidade e assim propõe desenvolver outra lógica.

Lógica essa que para os autores supracitados ainda se encontra pareada com o que identificam como a utopia da saúde pública, na sua versão progressista, ou seja, interferir, a partir do setor saúde, mobilizando o conhecimento técnico específico acumulado historicamente no campo sanitário.

Utopia que desestruturou-se diante de uma medicina e uma Saúde Pública de base tecnológica, alicerçadas ambas numa visão estreitamente biomédica da doença, vista como uma condição adversa a ser unicamente enfrentada pelo consumo individual

e coletivo de produtos e serviços, tanto de natureza curativa como prescritiva, crescentemente sofisticados.

A relação entre saúde e doença, quando estas viram objetos de consumo, apontam a uma tendência que faz pensar que obter saúde está intimamente ligado ao consumo, sendo uma necessidade como qualquer outra.

Inscrevendo a doença como algo que sempre existiu e sempre existirá, Lefreve & Lefreve (2007) nos diz que obter saúde nesta lógica, tanto para se tratar quanto para se proteger das doenças, é um comportamento de consumo, isto é, algo - como um automóvel, por exemplo - que cada um ou cada família deve obter individualmente e, portanto, de acordo com as suas posses.

Fica claro então, para os autores que:

A Promoção de Saúde implica um novo modo de ver a saúde e a doença e também uma mudança social significativa em direção a uma sociedade que não seja, como as atuais, tão dominada pelo princípio da produção para o mercado e para o lucro e pelo consumismo generalizado. (Lefreve & Lefreve, 2007, p.38)

Nesta ruptura que a Promoção possibilita, a saúde passa a ser vista como um direito de todos e para todos. As pessoas, precisam ser tratadas das doenças e protegidas contra elas, mas também têm o direito de viver fora da lógica que encontramos hoje nas cidades, que se demarcam como geradoras de doença, sofrimento, dor, violência e morte prematura.

A Promoção de Saúde é uma estratégia e um processo que, pode significar um caminho concreto na direção de promover mudança quando em relação dialética tensional com a doença.

O objetivo portanto, é representar algo que venha a ser parecido com uma mudança de paradigma no modo de entender e enfrentar a doença, em decorrência disso promover a saúde.

Esse eixo temático tem a ver com a produção e difusão do conhecimento sobre os modos de existência e funcionamento sócio-histórico das doenças, ou de cada doença ou grupo de doenças em particular, e a sua relação com a vida individual e coletiva, indicando novas políticas e projetos de intervenção comunitários e governamentais.

Se faz necessário operar um deslocamento de objeto, passando a buscar a saúde em outros lugares que para Lefreve & Lefreve (2007), estão localizados nas relações entre os corpos/mentes doentes (ou tidos como tais) e a sociedade, que precisam ser

entendidas ou decifradas para, a partir daí, constituírem objeto de intervenções transformadoras não mais no corpo (como faz a medicina) mas, diretamente em todos os espaços sociais. Precisando assim ser decifradas a partir dos simbolismos, que constituem os objetos e as suas ações transformadoras.

Falamos aqui dos significantes, que para Geertz (1986),

[...] não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos, que delimitam como objetivo destes simbolismos a análise do discurso dos atores em relação no campo social. O comportamento humano é visto como ação simbólica, o que está diretamente ligada ao conjunto de práticas que se fazem nas distintas relações travadas no viver.

Então vamos além de uma simples aplicação de técnicas e a normativa que rege a Promoção da saúde, aceitando-se que não basta conhecer o funcionamento das doenças e encontrar mecanismos para seu controle.

Essa concepção expressa o respeito ao fortalecimento da saúde por meio da construção de capacidade de escolha, bem como à utilização do conhecimento com o discernimento de atentar para as diferenças e singularidades dos acontecimentos que envolvem os sujeitos em relação.

A busca desses elementos se faz no mundo concreto, no funcionamento social, onde se estabelecem as relações de saúde-doença-cultura. Segundo Marcarian (1980), seria a cultura que nos leva a refletir a vida social das pessoas do ponto de vista, do modo de vida específico que lhes é próprio, e que abarca aquele sistema particular de meios e de mecanismos graças ao qual o ser humano soluciona os diversos problemas com que se depara no decurso da sua existência.

O papel da aprendizagem inicial e fundamental do conceito de cultura consiste antes de qualquer coisa, em determinar a particularidade qualitativa comum da atividade humana.

Nesse sentido, Laraia (1986; p. 52) afirma:

A vida social dos homens representa um objeto de investigação extraordinariamente complexo e polifacetado que pode e deve ser estudado a partir de diferentes pontos de vista. No conceito de cultura apesar da dimensão do seu conteúdo é necessário determinar com precisão o ângulo visual a partir do qual se deve analisar a particularidade da atividade humana, uma vez

que não existe conhecimento geral, mas sim o conhecimento concreto que abrange determinadas zonas.

Com o desenvolvimento da corrente interpretativa da antropologia, surge uma nova concepção da relação entre indivíduo e cultura, tornando possível uma integração da dimensão contextual na abordagem dos problemas de saúde (UCHÔA, VIDAL; 1994).

Para os autores Leslie, White (1986),

[...] a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos, todo comportamento humano, portanto, se origina no uso de símbolos, toda cultura depende de símbolos. Assim o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura, é o uso de símbolos o que o torna possível na sua perpetuação.

Para tanto, a antropologia da saúde, que passou a valorizar as muitas interpretações e fenômenos, principalmente os relacionados à saúde e a doença, procura entender as formas por meio das quais esses simbolismos se expressam e podem ser interpretados.

O comportamento humano se torna um todo simbólico, e para ser introduzido num dado grupo social é preciso participar da ordem dos fenômenos superorgânicos que é a cultura, a chave deste mundo; donde o meio de participação vem por estes simbolismos. O homem passa a ser o produto e o produtor da cultura que se desenvolve simultaneamente com o próprio equipamento biológico.

A cultura pode ser considerada também um sistema estrutural, Lévi- Strauss (1986) a define “como um sistema simbólico que é uma criação cumulativa da mente humana”. Para tanto, o seu modo, formula uma teoria da unidade psíquica da humanidade. Os paralelismos culturais são por ele explicados pelo fato de que o pensamento humano está submetido a regras inconscientes, ou seja, um conjunto de princípios.

Os símbolos e significados são partilhados pelos atores, membros do sistema cultural, entre eles, mas não dentro deles, são públicos e não privados. Estudar a cultura é, portanto estudar um código de símbolos partilhados pelos mesmos membros dessa cultura, sendo a busca da antropologia as possíveis interpretações (WAGNER, 2010).

Esse crescente interesse da antropologia pelo fenômeno saúde/doença aqui pensado junto à cultura, para Mello e Oliveira (2013), “se distâcia da visão do modelo

hegemônico, biologicista e mecanicista da medicina, aproximando-se da análise pelo viés sociológico e cultural das diferentes terapêuticas, suas conformações institucionais e especialidades diversas”.

Isso pode ser percebido numa multiplicidade de pensamentos e ações voltadas à cura, presentes nas sociedades, onde a cultura trabalha como um aglutinador dos elementos que regem a crença e os costumes de determinados grupos.

Nesse sentido, Mello, Oliveira (2013, p. 1027) discorrem que:

A antropologia da saúde organiza os símbolos e as categorias das doenças por meio de fontes produtoras de sentido-biológicas, sociais, culturais ou religiosas. Procura trilhar caminhos às vezes nada convergentes, enfatizando a importância de entender a vida cotidiana e as visões das pessoas que vivem em comunidades de diferentes padrões culturais e sociais, além de estudar como estas se relacionam com a saúde e a doença.

A essência dos princípios da organização da vida coletiva aplicados à cultura consiste na capacidade de elaborar meios e mecanismos extrabiológicos pela sua origem e caráter, graças aos quais se controla constantemente a natureza biológica comum aos indivíduos que compõem a sociedade, se programa e se dirige a conduta destes na direção necessária à manutenção da vida social, garantindo o metabolismo específico entre o sistema social e a natureza.

Segundo Laraia (1986), a compreensão do fenômeno da cultura como modo específico da atividade dos sujeitos e da organização da sua vida garante uma possibilidade de diferenciar as diversas formas de manifestação da cultura e reduzi-las à sua unidade interna.

Nesse sentido, em 1996 a Organização Mundial de Saúde e a Unesco reconheceram oficialmente a relevância dos aspectos culturais para muitos fatores da saúde internacional; essas duas entidades propuseram que a saúde e a cultura fossem abordadas de forma mutuamente integradas na perspectiva do benefício das pessoas e de países. Enfatizado por essas organizações e sabido pelo senso comum, quase nada se evidencia somente ao orgânico, mas estabelece-se uma relação com características organizacionais e culturais de cada sociedade.

Com base nessas acepções, sabemos dos desafios que envolvem a integração de abordagens teóricas sobre saúde e cultura e não esgotamos aqui os seus fundamentos.

No entanto, acreditamos que neste breve diálogo é possível pensar e compreender como esses elementos se articulam com o Maracatu de Baque Virado, alvo de aprofundamento na próxima linha teórica disposta a seguir.

3.2 – Reflexões sobre o Maracatu de Baque Virado: do Recife ao Rio de Janeiro

Optamos por iniciar esta linha teórica com um resgate histórico que perpassa pelos principais momentos do Maracatu de Baque Virado na contemporaneidade, devido à localização deste estudo. Diante das primeiras cenas do Maracatu, se faz necessário localizarmos de onde começamos a explanação:

As Nações de Maracatu trazem em si elementos da tradição, da memória coletiva e da construção da sociedade pernambucana, mais especificamente na sua capital, Recife, onde foram documentados os primeiros folguedos ou batucadas de manifestação afro-brasileira e maracatu (LIMA,2008,p.23).

Na primeira metade do século XX muito foi discutido, sobre a origem dos Maracatus que ainda hoje é localizada nas festas de Coroação dos reis e rainhas do Congo. No Recife, primeira região alvo de reflexões, essas coroações estavam associadas às Irmandades Católicas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Com o passar dos anos as coroações deixaram de acontecer e a relação com as Igrejas Católicas também perdeu sua força. Desse modo, em meados dos anos 1930, o Maracatu passa a ser relacionados aos cultos religiosos afro descendentes e duramente perseguidos (GARCEZ, 2013).

Ainda nesse fio teórico, na década de 1940, ainda diante das perseguições, os maracatus começam a passar por um processo de “carnavalização”, intensificando negociações entre os próprios e a Federação Carnavalesca de Pernambuco que passa a incentivar a saída dos Maracatus para a rua, com festas no Pátio de São Pedro.

Neste processo de carnavalização, muitos maracatus foram para o museu, muitas disputas se deram, principalmente com relação à antiguidade e tempo de existência, maracatus com o mesmo nome dos que hoje existem desapareceram e retornaram reivindicando posses dos elementos que o montam, calungas⁴ com nomes homônimos, elementos simbólicos se perderam e foram reinventados, novas identidades foram criadas a partir das primordiais referências; bem como a religiosidade que se apresenta

⁴ Calunga: boneca de cera e madeira, figura emblemática que faz parte de um cortejo real carregada pela dama do paço que representam as líderes espirituais dos maracatus nação (LIMA; 2006, p. 187).

como um elemento que demarca a diferença fundamental, destacando as Nações⁵ dos grupos percussivos.

Encontramos aqui uma gama de relações que são desenvolvidas e compartilhadas por aqueles que fazem parte da prática do Maracatu de Baque Virado, sua subjetividade e identidade que nos dizem muito dos elementos simbólicos e sociais e de seu movimento em seu núcleo, até sua expansão.

É deste ponto imerso em tantos elementos que constituem esta tradição que se faz necessário entender de onde falamos e para onde queremos ir. Definiremos em algumas linhas a atual conjuntura da Nação Estrela Brilhante de Recife, que neste ano de 2015 completará 107 anos de existência, buscando fazer as primeiras linhas que nos levarão até a prática do Maracatu de Baque Virado no Rio de Janeiro.

O Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife hoje desfila no “pólo das agremiações” dentro da agenda do “Carnaval Multicultural de Recife” organizado pela prefeitura. E também ensaia e apresenta-se pelos arredores (Bomba do Hemetério e Mangabeira) do bairro de sua sede que se estabelece no Alto José do Pinho e outras regiões.

Além disso, disputa o posto de uma das maiores Nações de Maracatu da cidade. Sua corte real é formada por diversos personagens como o rei e a rainha, princesas e príncipes, a baronesa e o barão, baianas ricas, lanceiros, catirinas, porta estandarte e etc... Sua composição percussiva tem um mestre de bateria que rege mais de 100 batuqueiros que tocam alfaias, caixas, agbês e gonguês (GARCEZ, 2013).

Sabemos da riqueza de elementos existentes no Maracatu de Baque Virado e que as descrições por mais ricas que estejam não conseguem dar conta da curiosidade dos leitores que por ventura nunca tiveram contato com seus elementos. Sendo assim, convidamos os leitores a momentaneamente direcionarem seus olhares para as imagens localizadas neste estudo na forma de ANEXO I.

A nação mantém seus vínculos religiosos a partir dos cultos de Xangô (conhecido também como candomblé) com suas calungas Joventina e Erundina, regidas respectivamente pelos orixás Iansã e Oxum. E mantém também vínculos com cultos de Jurema⁶ onde o Mestre Cangaruçu aparece como uma entidade protetora da percussão.

⁵ Quando utilizamos o termo “NAÇÃO”, faz-se uma menção a relação estabelecida do Maracatu de Baque Virado em Recife e sua ligação com a Religiosidade do Candomblé. Para Lima (2013), o que define um maracatu nação é: território, religião, práticas compartilhadas e espetáculo coletivo.

⁶ Jurema: culto que utiliza ervas e é estabelecido no candomblé.

O bairro Alto José do Pinho é uma comunidade recifense que abriga atualmente a sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife e onde também a maioria de seus integrantes vivem. Desde 1995 a Nação se instalou ali e passou a ser organizada por Marivalda (a rainha do Maracatu) e Walter (mestre da percussão) e seus companheiros que trabalham o ano todo para construção de seu Maracatu. A comunidade é bastante conhecida como uma fonte artística, onde grupos de cultura se fortaleceram, bandas de rock famosas nasceram e convivem com o brega e o forró (GARCEZ, 2013).

Concomitante a esta efervescência criativa, a região não esconde sua infraestrutura precária, com áreas sem água encanada e deficiência no tratamento sanitário.

“Discorrer sobre os maracatus nação pernambucanos, suas práticas, costumes e sociabilidades, nos leva a definir que estes se constituem em importantes elementos da cultura negra. Sendo por tanto colocados em um lugar que perpassa o de simples componentes da cultura popular pernambucana, o inscrevendo socialmente como uma prática que se faz e refaz sustentada nestes elementos, o afirmando enquanto resistência social e cultural. Não somente nos dias atuais como ao longo da história, feito essencialmente por estes aspectos afro-brasileiros”. (Lima2013, p.21)

Em síntese, podemos entender o Maracatu de Baque Virado localizado na cidade de Recife como uma expressão artística cultural, o lado profano da religiosidade reconhecida como candomblé que leva às ruas os personagens anteriormente citados organizados no que se identifica como uma corte real, onde os sujeitos assumem diversos papéis ao vivenciarem a prática.

A musicalidade específica e todos os elementos que o compõem, nos levam a categorizá-lo em sua expressão festiva e ritualística. Para Vianna Júnior (1987), o tempo faz com que a consciência coletiva perca suas forças. Portanto, são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os laços sociais. Sendo estes laços sempre passíveis de serem desfeitos, consideramos a representação da Nação Estrela Brilhante de Recife também como uma festa que a localiza em seu momento histórico, fortalece a comunidade em que se encontra, bem como todos aqueles que fazem parte dela.

Os fazeres ligados à religiosidade ficam a critério particular de quem está dentro desta Nação especificamente.

A festa deixa de ser inútil e passa a ter uma função; depois da cerimônia cada indivíduo volta à vida séria com mais coragem e ardor. A festa como um ritual religioso reabastece a sociedade de energia (VIANNA JÚNIOR, 1987).

Temos então dois contextos dentro da mesma Nação: existe o lado religioso, que sustenta e legitima a prática do maracatu o que é vivenciado por alguns de seus componentes como veremos mais a frente, e o lado profano e festivo, que permite a seus participantes reafirmarem suas identidades, fortalecerem seus laços na participação social e comunitária.

Para tanto, essas duas dimensões fortemente disseminadas dentro da Nação Estrela Brilhante de Recife, a festiva e religiosa se estabelecem como uma referência comunitária e cultural.

Na atualidade encontramos uma grande quantidade de grupos musicais, que reproduzem a sonoridade dos Maracatus Nação Pernambucanos, e que estão espalhados pelo Recife e pelo mundo. O impulsionamento da dispersão do que constitui o Maracatu de Baque Virado de seu núcleo recifense está relacionado a variados fatores, tanto que podem ser compreendidos como ações que geram encontros de diversos níveis culturais, como sociais.

Atribui-se tal advento e sucesso ao movimento Mangue Beat dos anos de 1990, comandado por Chico Sciense e à atuação do grupo Maracatu Nação Pernambuco, que nos anos anteriores positivou a imagem do maracatu perante a classe média recifense e sociedade pernambucana em geral, tornando possível que o som do Maracatu de Baque Virado se popularizasse e ganhasse admiradores e adeptos.

No sudeste do Brasil, segundo Lima (2013), esses grupos adquiriram uma relativa visibilidade, sobretudo por estarem em grandes vitrines culturais e por disporem de recursos que lhes permitem ter um maior alcance, gravando CDS, realizando apresentações em casas de shows famosas e arrebanhando simpatizantes.

A respeito dos grupos percussivos, nos interessa o ano de 1997, onde a partir do encontro de um batuqueiro da Nação Estrela Brilhante de Recife, recém-chegado à cidade do Rio de Janeiro e de um grupo de amigos que pesquisam e tocam ritmos populares brasileiros, fundou-se o grupo Rio Maracatu (RM).

No intercâmbio Recife-Rio despertou-se o desejo de trazer para a cidade do Rio de Janeiro a vivência do ritmo, as danças e cantos. São dezoito anos em atividade no bairro da Lapa, conhecido como um bairro que comporta a efervescência cultural do Rio

de Janeiro onde transitam várias identidades e culturas musicais como o samba, o choro, o rock e os ritmos populares.

De Recife vieram os primeiros instrumentos e diversos mestres de maracatu-nação para demonstrarem seus fazeres e “sotaques”. Logo, de posse destes conhecimentos, os batuqueiros⁷ do Rio de Janeiro começaram a dar oficinas em sua sede, que se localiza no famoso espaço Fundação Progresso, para os demais interessados, formando as aulas semanais de dança e percussão, e o bloco de carnaval que visa colocar na rua os personagens que fazem parte do maracatu.

O citado grupo é o principal responsável por trazer e disseminar a vivência do Maracatu de Baque Virado no estado do Rio de Janeiro, sendo reconhecido pela sociedade carioca como um grupo de cultura popular e pelos próprios praticantes como um grupo percussivo que estiliza a vivência do maracatu; apresentando-se como um dos principais formadores dos muitos grupos que hoje representam o Maracatu de Baque Virado na capital e arredores fluminenses.

O grupo é administrado por seis pessoas, onde quatro destas são responsáveis pelas aulas de percussão e duas se destinam a comandar as aulas de dança, todas pagas. O grupo é formado em sua grande maioria por pessoas da classe média carioca, jovens e universitários que realizam aulas semanais, formando os batuqueiros e dançarinas que fazem parte do bloco que se apresenta pelo bairro da Lapa e arredores, como também no carnaval carioca.

Conta ao todo aproximadamente com cento e cinquenta pessoas, configuração que depende da época do ano, sendo o carnaval e os meses próximos àqueles que mais agregam pessoas. Além disso, também forma o que se apresenta como “bloco show”, ao qual fazem parte um grupo de aproximadamente dez pessoas, onde novos arranjos musicais são inventados dentro da musicalidade pernambucana. Apresentando-se em diversos lugares pelo estado, como casas de shows, teatros, festivais de música etc.

Atualmente no estado do Rio de Janeiro encontram-se sete grupos de Maracatu de Baque Virado, cada um com seu estilo próprio que se remete a algum Maracatu-Nação de Recife. As múltiplas tramas que compõem a história do Maracatu de Baque Virado nos fazem observar a ocorrência de uma reformulação do aparato simbólico e político, fazendo com que neste percorrer entre as duas cidades novas semânticas se combinem e refaçam.

⁷ Batuqueiros: termo que identifica os percursionistas que tocam o Maracatu de Baque Virado.

Diante desta breve descrição sobre o Maracatu de Baque Virado e seu deslocamento de Recife ao Rio de Janeiro se faz necessário tecer em um apanhado geral as diversas diferenças que constituem as nações e os grupos percussivos.

O Maracatu Nação a qual nos referimos, bem como todos aqueles existentes em sua terra natal se constituem em grupos existentes em comunidades, já as sedes dos grupos percussivos encontram-se em variados lugares, geralmente em bairros de fácil acesso e que dialogam com o circuito cultural da cidade.

Os maracatus nação são formados por pessoas que principalmente durante o carnaval encarnam diferentes personagens, sendo esta data festiva a maior aparição destes. Os grupos geralmente não possuem corte real, o Rio Maracatu brinca com esses personagens, fazendo ao seu modo a construção desses elementos.

As nações se inscrevem de forma comunitária em sua maioria, aberta para as pessoas de fora que se tornam membros por frequentar os ensaios ou ajudar diretamente na produção do maracatu, mas os conflitos e tensões estão presentes nos contextos em que diferentes situações são geradas e negociadas em processos diversos. (LIMA, 2013, p.34)

Os instrumentos musicais e as fantasias usadas na ocasião de suas apresentações ao longo do ano ou durante o carnaval, pertencem ao referido maracatu. Não há uma cobrança de taxas ou mensalidades para integrar, tocar ou desfilar em um maracatu nação. No grupo percussivo os instrumentos, as roupas e demais elementos pertencem a quem frequenta as aulas e paga por elas.

A extrema maioria dos integrantes dos maracatus nação reside na comunidade ou próximo a ela, onde o maracatu está sediado. Por residirem próximos uns dos outros, segundo Lima (2013) compartilham práticas diversas, conferindo caráter comunitário para estes grupos, que estão propensos a fazer o maracatu coletivamente. Desta forma compartilham práticas de um mesmo território.

O grupo Rio Maracatu agrega pessoas de vários lugares da cidade bem como de fora do país, os fazeres em relação ao Maracatu de Baque Virado se configuram somente no momento em que o grupo se reúne para tocar ou dançar, o que faz com que o grupo tenha um grande fluxo de entrada e saída de pessoas.

Ressaltamos novamente a ligação com a religiosidade do candomblé como uma fronteira bem definida entre os maracatus-nação e os grupos percussivos.

Um maracatu legítimo e tradicional deve portanto, possuir uma ligação com um terreiro de xangô (também conhecido como candomblé) e ter um rei e uma rainha negros para que se tenha o status de autêntico e original (LIMA; 2013).

A cultura negra neste aspecto encontra-se fortemente estabelecida como uma construção dotada de significados intimamente ligados com as leituras do cotidiano, o que indica práticas e costumes que expressam suas visões de mundo, pontos de vista, memórias, sociabilidades, dentre outras (LIMA, 2013).

Os diversos simbolismos que reúnem diante das peculiaridades do grupo e da Nação encontram ênfase na afirmação de Lévi-Strauss (1986), onde todo comportamento humano se origina no uso de símbolos, toda cultura depende de símbolos.

O Maracatu de Baque Virado quando trazido para o Rio de Janeiro, bem como quando perpetuado mundialmente, ganha novos elementos, possibilitando a seus integrantes diversas relações e uma vasta transmissão de conhecimento, que anteriormente restringia-se à cidade de Recife.

O grupo estudado, Rio Maracatu é atravessado por muitos fazeres. Sendo um grupo percussivo, não se prende somente às características musicais e identitárias de uma Nação específica, sofre influências e incorpora elementos que aparecem interessantes de serem repassados e aprendidos como um todo dentro do vasto universo que demarca o Maracatu de Baque Virado. A dimensão festiva se faz forte e seus integrantes aprendem sobre a cultura popular brasileira e a transmitem em suas aparições públicas que ocorrem durante todo o ano.

Identificamos que as identidades de todos os participantes estão sempre em construção e se modificam a cada encontro e contato com a vivência do Maracatu de Baque Virado; encontramos, portanto uma cultura e suas subculturas que são perpetuadas pelos grupos de forma particular. O Maracatu de Baque Virado torna-se um produto nunca acabado, sempre sendo construído em interação com os sujeitos tanto no Rio de Janeiro como em Recife.

A dispersão do Maracatu de Baque Virado de seu núcleo natal possibilitou muitas trocas favoráveis, fortalecendo a raiz do maracatu, formando redes, o que estabeleceu um forte intercâmbio entre a sede da “Nação” em Recife e os diversos estados e países em que o Maracatu de Baque Virado hoje acontece. Muitos sujeitos se reúnem para vivenciar, pesquisar e experimentar o maracatu. O que permite uma capacitação destes a também transmitirem seus conhecimentos.

Nesta abertura, os elementos simbólicos são partilhados e reincorporados fazendo com que as práticas não sejam estanques. As trocas entre a Nação Estrela Brilhante de Recife e o grupo Rio Maracatu demonstram que existem momentos relacionados aos compromissos de manter o maracatu em movimento, como também a pensamentos e ações que ditam sobre as relações de vida, onde são realizados esforços que devem ser respeitados.

Esforços esses que são vivenciados nas relações e através dos saberes que constituem principalmente os modos de fazer, negociando com discursos dominantes na busca pelo reconhecimento das suas especificidades enquanto cultura brasileira, consequentemente possibilitando um maior acesso aos bens culturais e sociais.

No cenário brasileiro os maracatus não se estabelecem em lutas e embates por reconhecimento social, principalmente quando desdobradas nas trocas com os grupos percussivos, demarcando um lugar de hierarquia e sabedoria, sendo aqueles os recebedores de um conhecimento que deve ser disseminado.

A construção e manutenção de grupos de maracatu fora do Recife produzem ambiguidades nos campos simbólicos e políticos por conta de seus jogos relacionais, mas também define o lugar da tradição (GARCEZ, 2013). Da mesma forma que o maracatu possibilita novas perspectivas aos envolvidos, a Nação também instrumentaliza os grupos percussivos.

Conforme estas breves reflexões, sobre o Maracatu de Baque Virado, sobretudo na ponte estabelecida entre Recife e o Rio de Janeiro, fechamos esta unidade teórica com a certeza de que as partilhas advindas dos encontros estabelecidos entre os que vivenciam o movimento agregam em si novas linguagens, formas outras de decodificação e fortalecem a sua identidade no território nacional e internacional.

4 - METODOLOGIA

Neste estudo optou-se pela utilização da abordagem metodológica da observação participante de caráter etnográfico que tem como intenção uma análise aprofundada das características dos fenômenos que se apresentam e a não efetuação de uma generalização dos resultados obtidos.

Ao descreverem sobre o método etnográfico Pinto, Guazzelli (2008), conceituam como

“[...] formas de construção de conhecimento em Antropologia em relação a outros campos de conhecimento das Ciências Humanas. De fato o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnica e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática de trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongado do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação indireta e de conversas informais e formais, as entrevistas não diretivas, etc”.

Nessa perspectiva foram selecionados neste estudo um total de dez sujeitos. O critério de inclusão dos participantes obedeceu à vivência junto ao Maracatu de Baque Virado. Foram pareados proporcionalmente, cinco sujeitos de Recife e cinco do Rio de Janeiro.

As atividades de coleta e produção dos dados foram precedidas pela solicitação da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), onde o estudo esteve em coerência com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece as normas e diretrizes nas pesquisas com seres humanos.

O anonimato dos sujeitos envolvidos no estudo foi mantido mediante a atribuição da palavra identificadora “SUJEITO”, seguida de um número subscrito relacionado com a ordenação crescente da realização das entrevistas.

Cabe destacar que o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz na condição de unidade proponente via Plataforma Brasil,

onde obtive o parecer de aprovação número 775.751 (ANEXO II). Mediante a aprovação foi iniciada a entrada no campo de investigação pelos responsáveis deste estudo.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas individuais, em que os sujeitos foram convidados a falarem de suas experiências de vida na forma livre que entrelaçam o Maracatu de Baque Virado com a Promoção da Saúde e Religiosidade. Cabe ressaltar que as entrevistas foram gravadas em dispositivo de voz MP3 Player e logo em seguida transcritas, na medida em que a produção de dados ocorria junto aos cenários de investigações.

Durante a coleta todo o arsenal de produção científica de dados foi complementado com o registro imagético, amplamente utilizado no capítulo II deste estudo na modalidade de fotografias “in loco” sobre as experiências e vivências com o Maracatu de Baque Virado, tanto em Recife como no Rio de Janeiro. Os sujeitos participantes deste estudo e presentes nas imagens também foram convidados a assinarem um termo de uso de imagens (APÊNDICE B), por meio do qual admitiram estar cientes dos e autorizaram a divulgação em meios científicos de acordo com o interesse dos pesquisadores.

Para Miriam Goldenberg (2004), a história oral de vida vem acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido.

Ainda na obra de Goldenberg (2004, p. 36), encontramos que

[...] cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais. Sendo possível, assim, ler uma sociedade através de sua biografia, conhecer o social partindo-se da especificidade irreduzível de uma vida individual.

Ao utilizarmos as características da descrição etnográfica, a interpretação do fluxo do discurso social nos permite tentar salvar o dito num tal discurso, da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Assim trabalhamos com a história oral.

Para Leydersdorff (2000), a força das histórias de vida está centrada especificamente

[...] na habilidade de analisar um caleidoscópio de representações culturais. A história oral e as histórias de vida tiram sua força do fato de acomodarem a singularidade da experiência individual e oferecem alternativas às ciências

corpóreas que são impotentes, em seus esforços de generalização, para lidar com a imensa variedade de experiências. O método da história oral nos ajuda a melhorar nosso entendimento da estrutura intelectual e ideológica de uma era e oferece base para uma crítica às noções comuns de realidade.

Compreendemos que as ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas, os fatos pequenos relacionam-se com grandes temas e nos dão material próximo à realidade local e subjetiva de cada sujeito entrevistado.

Durante o processo de análise das entrevistas, buscou-se a correlação das diferentes respostas, as ideias novas e o que corroborou ou refutou a hipótese inicial. O material analisado proveniente do campo de investigação foi articulado com as ideias dos diversos autores que pesquisam os temas: “Maracatu de Baque Virado”, “Promoção da Saúde” e “Religiosidade”.

Os achados nos encaminham para comunicação de diversos aspectos encontrados durante a pesquisa para um grupo mais amplo da sociedade. A proposta de organização de todo material oriundo desta intervenção foi organizada em categorias de acordo com os núcleos temático-conceituais emergentes.

Para ilustrar e ao mesmo tempo finalizar o que queremos dizer propusemos a noção conceitual de categoria, responsáveis em agregar as mensagens dos sujeitos que são empregadas na análise de dados para estabelecer classificações, agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um pensamento; e refere-se a um conceito que abrange características comuns que se relacionam entre si (MINAYO, 1994).

5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Quando nos propusemos a conhecer as relações existentes entre o Maracatu de Baque Virado com a promoção da saúde e identificar aspectos que integram o Maracatu de Baque Virado à religiosidade, não tínhamos a dimensão da riqueza de significados advindas dos depoimentos dos participantes.

Isso nos encaminhou para a criação de duas categorias analíticas intituladas: “O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre promoção da saúde” e “O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre religiosidade” e que estão dispostas a seguir:

5.1 - Categoria 1: O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre promoção da saúde.

Esta categoria abre espaço para uma discussão que esta demarcada no entrelaçamento explícito entre o Maracatu de Baque Virado e os conceitos firmados nos depoimentos dos sujeitos sobre promoção da saúde.

A intenção em estabelecer uma possível relação entre a promoção da saúde, com o Maracatu de Baque Virado, emergiu diante de vivências e experiências junto aos referidos componentes, o primeiro enquanto dançarina-batuqueira e a segunda pela atividade profissional enquanto psicóloga e preocupada com as questões que contornam a saúde.

Saúde entendida em seu contexto positivo leva em consideração os modos diversos de existir. As ações em saúde estão vinculadas ao dever destes determinados modos e de cada sujeito, abarcando os complexos aspectos que relacionam os sujeitos ao que é entendido e praticado de forma massiva como saúde.

Esta saúde, quando abordada pelo viés positivo, corresponde a um estado de equilíbrio, possibilitando para o indivíduo dominar da melhor maneira possível as pressões e exigências da vida social (WAGNER, 2010).

A saúde vivenciada de forma plena, mas não teorizada por aqueles que vivenciam o Maracatu de Baque Virado nos indicou que estar longe do Maracatu faz adoecer, estar ali potencializa a ação dos sujeitos na vida como um todo, o que leva muitas vezes os sujeitos a conhecerem e permanecerem no movimento.

Pensamos aqui um dos elementos que perpassam pela saúde. Sim, o que esta em jogo nesta categoria é a Promoção da Saúde e como ela se articula com as pessoas que integram os movimentos de Maracatu de Baque Virado.

A promoção da saúde em suas bases ampara e articula o que é vivenciado como pessoal, projetado num plano social e coletivo o que opera a busca por lugares além dos convencionais delimitados, construindo objetos de intervenção que vão para além do corpo.

Dentro da proposta da promoção da saúde com sua articulação transversal, que confere visibilidade aos diversos fatores que colocam a saúde da população e as diferenças entre as necessidades dos territórios e culturas num patamar de visibilidade, quando cria mecanismos que reduzem, defendem e incorporem à participação dos sujeitos e os dispositivos governamentais (BRASIL, 2006), o Maracatu de Baque Virado pode ser considerado um promotor de vida e saúde daqueles que o exercem.

As considerações sobre a promoção da saúde ora tecidas aqui nos encaminha para o aprofundamento das relações existentes entre os sujeitos que experimentam a vivência do Maracatu de Baque Virado, nos dando mais elementos para o que acreditamos que a promoção da saúde sustente.

Nesse contexto é preciso conhecer os matizes conceituais e dar voz aos sujeitos para tecermos algumas afirmativas. Nesse momento já sentimos um forte apelo para convidar os participantes desta investigação a dialogarem conosco sobre os principais elementos que estão envolvidos no Maracatu de Baque Virado, que se firmam no plano prático e teórico do saber como promoção da saúde e produção conhecimento científico.

Dessa forma, destacamos preliminarmente alguns núcleos conceituais que nos indicam esta relação e que merecem destaque em nossa análise e discussão dos dados. Dentre os núcleos podemos citar: Maracatu de Baque Virado como promotor do bem estar físico e mental; reconhecimento das funções orgânicas do corpo a partir da prática do Maracatu (exercício físico e redução de peso); alívio das tensões e redução do estresse cotidiano, avaliação pelo sujeito dos determinantes sociais do processo saúde-doença (etilismo) e por fim uma atenção para postura (ergonomia).

Essas evidências estão localizadas nos depoimentos dos participantes dispostos a seguir:

“Estar saudável para mim tem a ver com estar bem de corpo e alma e sinto muito forte a falta do maracatu quando, por algum motivo, fico afastada por algum tempo. [...] Então o maracatu para mim faz parte deste viver saudável e com minha saúde, física e mental” (M. 25 anos).

“O Maracatu de Baque Virado, incentiva o raciocínio e melhora a capacidade motora. Praticar ele trabalha os músculos do corpo, exige um esforço danado da gente principalmente dos braços e da coluna. A dança também trabalha bastante o corpo e exige muito esforço físico, fora que eu vejo ainda o maracatu como uma válvula de escape contra o estresse diário e a pressão que sou submetida todos os dias em meu trabalho como advogada; acho imprescindível para minha saúde mental, estar ali todas as semanas” (Sujeito 9 - 30 anos)

“Para a saúde física o maracatu é um bom exercício, esse ano to meio afastada e dei uma engordada e nunca considereei o maracatu uma atividade de ginástica. Agora a questão de saúde mental, como qualquer atividade que esta ligada à arte, eu acho que entra o maracatu também. É uma atividade que, você vem estressado da vida ai a gente brinca, vamos jogar tudo no tambor! E isso funciona mesmo. Mas no final eu me sinto, como se tivesse purificado tudo, fico cansado fisicamente, mas a cabeça mais tranquila, por ta fazendo uma coisa que faz todo o sentido”. (Sujeito 10 -. 28 anos)

“Com relação à saúde hoje por eu ter a formação técnica em segurança do trabalho e que é relacionada à saúde e segurança, eu comecei a conhecer algumas coisas sobre ergonomia, e vendo algumas coisas sobre ergonomia, penso que devemos aplicá-las sim no maracatu.” (Sujeito 7- 27 anos)

“Tocar maracatu [...] deixa a gente feliz, realizado acho que pode dizer que tem uma relação, por que saúde não é quando você está bem? Podendo realizar as coisas do seu agrado? Então se eu to no maracatu e to fazendo aquilo de coração, por que eu gosto muito e to atingindo outras pessoas com a energia boa que o batuque proporciona a gente então tem uma ligação. Fora que tem que cuidar do corpo, tocamos com macaíba, que é pesada muitas horas em pé, pulando, se instigando, então tudo tem que estar em equilíbrio para funcionar”. (Sujeito 2 - 27 anos)

“E lá em Recife nas comunidades [...] por exemplo não pode chegar bêbado, aí você já tem que cuidar da sua energia, do seu equilíbrio porque maracatu é coisa séria, porque pegar no tambor é coisa séria e tem que ter compromisso. No preceito você tem que estar limpo para energia chegar, e se você não estiver equilibrado a energia que vai chegar não vai ser uma energia que vai te fazer bem e sim fazer mal. Aí você passa a cuidar mais de você, para que tudo saia bem”. (Sujeito 10 - 28 anos)

Baseado nesses depoimentos, observamos a dicotomia estabelecida entre saúde e doença nos corpos, quando lançamos mão da antropologia da saúde na pesquisa que nos convidam a dar um novo olhar para esses núcleos conceituais emergentes. Estes conhecimentos são importantes para a perspectiva da ampliação das possibilidades da promoção da saúde, tornando próximo, conceitos a princípio distantes e pouco discutidos.

Na verdade o conceito de saúde para eles corresponde exatamente à análise de Canguilhem (2002), para quem a saúde é um conceito normativo, que ultrapassa o simples estado orgânico. A relação conflituosa com o ambiente social que indica o que se torna doença ou saúde.

Logo, os participantes assumem um papel mais ativo e realizador dentro do seu contexto, em nosso caso, os espaços onde o Maracatu ganha vida, o que cria espaços para pensar a realidade em que vivem, almejando novos caminhos que vão além do discurso da doença.

Para Adam e Herzilich (2001, p. 86):

[...] se deseja compreender realmente como os saberes, representações e discursos fazem sentido para a ação, será conveniente sempre reportá-lo às necessidades quotidianas da vida das pessoas de um lado e, de outro lado, às características de suas relações sociais. Os elementos da estrutura social, bem como os sistemas de valor e as referências culturais também têm uma função.

Sim, precisamos que os integrantes na prática do Maracatu sejam observados, assim analisaremos como se articulam nas atividades que ocorrem nos movimentos para promover saúde e atender suas demandas que vão além das necessidades básicas de vida.

Adam & Herzlich (2001) nos esclarecem que a saúde vem acompanhada do sentimento de bem-estar físico e psicológico, do satisfatório desempenho de uma atividade, de realização e de um relacionamento harmônico com os demais. Isso vem ao encontro do que foi percorrido por alguns participantes deste estudo.

O Maracatu de Baque Virado é localizado como este fazer satisfatório e bem estar físico e mental, auxiliando inclusive na redução de peso e alívio das tensões cotidianas como um todo. Pensar em conjunto com a ergonomia, como estabelecido na fala de um dos sujeitos indica-nos o entendimento das interações entre seres humanos e outros elementos variados da vida cotidiana.

A ergonomia, portanto é um estudo que aplica teoria, princípios, dados e métodos para projetar e aperfeiçoar o bem-estar humano e o desempenho geral dos sistemas que interagem com a vida cotidiana, tornando-os compatíveis com as necessidades, habilidades e limitações das pessoas. (PIZO & MENEGON 2010). Tornando-se importante dentro da prática já que esta demanda corporalmente de quem a vivência.

A manutenção do bem estar físico aparece intimamente ligado a conceitos que aparecem como inéditos e não eram levados em consideração por seus participantes, abrangendo também os estados emocionais, o que é estabelecido por eles como saúde.

Assim a compreensão sobre saúde passa de uma condição de dependência de técnicas, especializações e compreensão mecanicista dos mecanismos do corpo humano, para um estado em constante construção, sendo produzida coletivamente, nas relações sociais e subjetivas (MENDES,1996); mesmo quando indicado na fala um conceito técnico, este passa a ser incorporado como produtor de bem estar no fazer da Maracatu de Baque Virado.

Para tanto desenvolve-se aqui uma produção social que produz qualidade de vida, que segundo Mendes (1996) é estabelecido como uma condição de existência humana no seu viver cotidiano, seja individual ou coletivamente. Configura-se então um novo paradigma sanitário: o da produção social da saúde (MENDES, 1996) também denominado paradigma biopsicossocial (BELLOCH; OLABARRIA, 1993; DE MARCO, 2003; SEBASTIANI; MAIA, 2005), alternativo ao paradigma curativista anterior (SANTOS; WESTPHAL, 1999).

O paradigma Biopsicossocial para (BELLOCH E OLABARRIA 1993) versa sobre o corpo como um organismo biológico, psicológico e social produzindo maneiras de se comportar. Assim a saúde e a doença condições em equilíbrio dinâmico,

codeterminadas por variáveis biológicas, psicológicas e sociais, todas em constante interação.

Consideramos diante das falas que é necessário estabelecer um conjunto de práticas para integrar o Maracatu de Baque Virado. O cuidar de si, do corpo e da mente aparece no movimento que a própria prática estabelece, o que possibilita aos sujeitos mesmo que de uma forma não explícita, manter e desenvolver a perpetuação da saúde e dos parâmetros que a estabelecem nos grupos estudados.

5.2 - Categoria 2: O Maracatu de Baque Virado: discursos sobre religiosidade.

Nesta segunda categoria abrimos a discussão dos dados para os diálogos existentes entre o Maracatu de Baque Virado junto a elementos teóricos que dizem respeito à religiosidade.

A religiosidade tem um valor importante a ser discutido neste âmbito, por formar redes de apoio e interligação com o que é chamado de ancestral ou divino, correspondendo muitas vezes a um estado de equilíbrio e manutenção pessoal, possibilitando aos sujeitos uma reflexão do seu estar no mundo.

Se as bases tradicionais do Maracatu de Baque Virado estão na religiosidade, mesmo que essa seja vivenciada de forma peculiar e muito particular por todos aqueles que vivenciam o maracatu, as hierarquias e rituais são vivenciados, numa releitura onde se aproveita o que potencializa o estar de cada sujeito naquele ambiente.

Para Mello, Oliveira (2013) “a religiosidade dá sentido à vida diante do sofrimento, inclusive ao incentivar a criação de uma rede social de apoio, influenciando na aceitação da comunidade à pessoa em sofrimento, dando a ela a sensação de acolhimento e bem-estar”.

A religiosidade aparece então dentro de categorias e vivências multifacetadas. Sendo curioso o fato da “Nação”, conforme teorizado no segundo capítulo deste estudo estar intimamente ligada aos fazeres do candomblé principalmente por sua legitimação e seus integrantes estabelecerem de forma diversa o contato com a religiosidade.

A religiosidade dos integrantes apesar de pertencerem a um mesmo “grupo” é vivenciada de forma particular, num arranjo subjetivo que ora acumula várias crenças, ora estritamente a matriz afro. Em geral, os sujeitos entrevistados relacionam a prática do maracatu a partir de seus valores, e utilizam núcleos conceituais que não estão

dissociados da primeira categoria e conseqüentemente envolvem saúde mental, física e espiritual.

A religiosidade ligada ao candomblé apareceu principalmente quando se fala da ancestralidade afro-brasileira e percussão, estando estes elementos presentes na musicalidade e nas falas de todos os entrevistados. A vivência pessoal e comunitária da religiosidade em muitos casos possui uma ligação direta com o Maracatu de Baque Virado. Alguns sujeitos do grupo percussivo que são ligados à religiosidade relacionam sua vivência do maracatu com esta dimensão, o que fica claro nos depoimentos a seguir:

“Hoje eu só estou no candomblé por causa do maracatu por que quando eu fui pra Recife a primeira vez, eu fui levada pelo maracatu, e cheguei lá e vi a relação do maracatu nação com o terreiro de candomblé e eu percebi que não tinha mais como eu ficar negando”. (Sujeito 8 - 32 anos)

O candomblé me trouxe isso, como eu to mexendo com uma energia eu não posso mexer nas coisas com o corpo sujo, o candomblé tem isso! Aí você não vai pegar num tambor bebendo uma cerveja, até rola num grupo percussivo, mas se você for pegar no fundamento a gente não deveria fazer isso”. (Sujeito 10 - 28 anos)

“A religiosidade é o que me sustenta, minha família vem do terreiro, então eu sempre estive no meio disso, e tocar um tambor é uma coisa sagrada. Vejo muito nítido que foi a fé nos meus orixás que me levou onde estou hoje, que me faz conquistar as batalhas do dia a dia, que fortalece minha nação. O Estrela vem agregando muitas pessoas, que têm nos ajudado a crescer e fortificar. O maracatu e a religião andam juntos” (I, 25 anos).

“E é engraçado por que minha escolha religiosa possui íntima ligação com o Maracatu. Meu primeiro contato com as religiões afro brasileiras foi no Recife, eu fui levada pelos meninos do Maracatu Nação Estrela Brilhante para o terreiro e lá conheci o Candomblé e a Jurema Sagrada. A primeira casa de candomblé que pisei na minha vida foi o Ilê Omyin Ogunté, que é o terreiro onde são realizadas as obrigações espirituais da Nação Estrela Brilhante do Recife” (Sujeito 9 - 30 anos)

“Sobre a religiosidade eu no particular sou católica, e o maracatu tem o envolvimento com o candomblé com a jurema; eu sempre respeitei e a nação nunca impôs que os batuqueiros tinham que fazer parte da religiosidade, mas que a gente tava ciente que tem o envolvimento do maracatu com a religião que é o candomblé mas aí a gente nunca teve a obrigação de participar das obrigações e de dar alguma obrigação; a única coisa que Marivalda [rainha] sempre pediu para própria proteção da gente é no caso uma vela pro anjo de guarda”. (Sujeito 1- 26 anos).

“A religiosidade é muito presente em mim desde criança. Cresci em família espírita kardecista, mas desde os 18 anos, não frequento nenhuma religião. Minha relação com o divino hoje é completamente sincrética. Pratico Yoga e acabo me relacionando com os deuses hindus, leio bastante sobre astrologia, mas também me relaciono diretamente com os orixás e suas influências, o que, com certeza, está diretamente relacionado às minhas vivências com o maracatu. É impossível praticar o maracatu e não se apaixonar pela ancestralidade, pela África e os simbolismos das religiões afro-brasileiras” (M. 25 anos).

Podemos entender que a religiosidade agrega a todos aqueles que ali estão uma responsabilidade, mesmo que não haja conversão ou obrigatoriedade de vivenciá-la por completo, ela possibilita a cada um avaliar a si mesmo, eleger o que de melhor pode ser tirado de todo o simbolismo, recriando assim identidades mais ligadas à essência de cada ser, à sua realidade de vida.

A partir das falas dos entrevistados podemos notar que existe uma grande valorização dos elementos afro-brasileiros, da cor e da expressão negra nesta vivência, quebrando a grande segregação que é vivenciada de forma maciça em outros meios sociais. Além disso, o Maracatu de Baque Virado é um fator determinante na escolha da religião e pode estar atravessado por outras práticas religiosas particulares.

Conformam-se então práticas diversas que visam a manutenção do bem estar pessoal o que pode ser atrelado à categoria anterior quando explicitamos sobre saúde.

Para Guillen (2013), o ato de estudar sobre a cultura popular que diretamente envolve neste caso a religiosidade é um ato que visa conformar um lugar.

Lugar este que para nós se constrói na vivência cotidiana, onde determinadas práticas e suas representações contam a história dos sujeitos o que estabelece um espaço pessoal e social e responde ao principal questionamento suscitado ao longo desta

investigação e que se firmou nas seguintes evidências: elementos afro-brasileiros e interfaces de práticas religiosas singulares junto ao Maracatu de Baque Virado.

6- CONCLUSÃO

Neste breve caminho percorrido como uma primeira aproximação com o tema proposto, chegamos a algumas considerações e muitos questionamentos que indicam caminhos que podem ser explorados mais profundamente em outros cenários institucionais com novos grupos e Nações de Maracatu de Baque Virado.

Quando iniciamos este estudo tínhamos em mente que o Maracatu de Baque Virado apresentava uma íntima relação com a Promoção da Saúde, ao nos debruçarmos sobre esses elementos fomos surpreendidos quando os participantes nos puseram a discutir sobre funções orgânicas do corpo a partir da prática cotidiana do Maracatu, sobretudo exercício físico e redução de peso; alívio das tensões e do estresse cotidiano, avaliação dos determinantes sociais do processo saúde-doença e o olhar atento para postura (ergonomia).

O fato é que o Maracatu de Baque Virado é dança, é toque, é canto e movimento que faz a vida. E na saúde sua perpetuação como proposta da Promoção da Saúde pode ser encarada da mesma maneira. Somente quando tratada de forma local, subjetiva e territorial é possível entender o que a estabelece.

Como um movimento incessante não somente de evitar a doença, está representada de diversas maneiras, no estresse cotidiano ao qual todos estamos suscetíveis, a realidade precária a que muitos estão submetidos, a falta mesmo de saúde ou a leitura de cada grupo social do que a própria representa.

Outro elemento identificado quando nos propusemos estudar a influência do Maracatu de Baque Virado nos corpos dos sujeitos pesquisados apontou para o elemento religiosidade.

A religiosidade perpassou por uma grande valorização dos elementos afro-brasileiros, da cor e da expressão negra nesta vivência, quebrando a grande segregação que é vivenciada de forma maciça em outros meios sociais. Além disso, o Maracatu de Baque Virado foi um fator determinante na escolha da religião e esta atravessado por outras práticas religiosas particulares, tais como catolicismo, Kardecismo, entre outros.

Não assumimos integralmente o elemento cultura nesse estudo, mas sabemos que de forma indireta ele atravessa toda problematização, delineamento teórico e metodológico. A cultura parece ser um fio invisível que costura o Maracatu de Baque Virado junto a Promoção da Saúde e a Religiosidade quando nos propomos a pensar nas práticas dos sujeitos que o vivenciam.

Por fim, existiu sem dúvidas um movimento de corpos e ações, uma linguagem sempre em trânsito que é feita e reinventada quando vivida. De um repertório tradicionalmente reconhecido bem como sua dimensão infinita de sentidos para todas as relações que se estabelecem com os sujeitos. Dessa forma, esperamos que as reflexões sobre os elementos que envolvem o Maracatu de Baque Virado contextualizado com a Promoção da Saúde e Religiosidade disparem novos estudos que levem em consideração os elementos teóricos aqui pesquisados.

7 - REFERÊNCIAS

ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

AGAMBEM, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó- Sc: Argos, 2009.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria de Threza Redig de C. Barrocas e Luiz Octávio F. B. Leite. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, 307 p.

FERREIRA, N. **Cartas da promoção da saúde**. Brasília: Ministério da saúde, 2002.

GARCEZ, L. S. **Os movimentos do maracatu Estrela Brilhante de Recife: Os trabalhos de uma nação diferente**: Niterói: Uff, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França Lima. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Revista de História**. v. 14, n. s/n, p. 183-9, 2006.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. São Paulo: Record, 2004.

GUILLEN, I.C.M. **Inventário cultural dos maracatus nação**. Pernambuco: Universitária PE, 2013.

JUNIOR VIANNA, H.P. **O baile funk carioca: festa e estilos de vida metropolitanos.** Rio de Janeiro: UFRJ: 1987.

LEFREVE, F. LEFREVE, A.M.C. **Promoção da Saúde: A negação da negação.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.

LEYDESDORFF, S. **Desafios do Transculturalismo.** In: *História Oral. Desafios para o século XXI*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

LIMA, I. M de F. **Maracatus e maracatuzeiros: Desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias.** Recife: Edições Bagaço, 2008.

_____. **Mas o que é mesmo maracatu nação?** Salvador: Eduneb, 2013.

MARCARIAN, E. **Lugar e papel das investigações da cultura nas ciências sociais e modernas.** In: *O papel da cultura nas ciências sociais.* Porto Alegre: Vila Martha, 1980.

MELLO, M.L.; OLIVEIRA, S.S. **Saúde, Religião e Cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras.** *Revista Saúde e Sociedade.* v. 22, n.4, p. Xy-zY, 2013.

MELLO, M.L. *Práticas terapêuticas populares e religiosidade afro-brasileira no Rio de Janeiro: um diálogo possível entre saúde e antropologia.* Projeto de Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: ENSP-FIOCRUZ. In press 2011.

MINAYO, M. C. S. **Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde.** In: *Tratado de saúde coletiva.* São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.p.189-218.

MENDES, E.V. **Um novo paradigma sanitário: a produção social da saúde.** In: *Uma agenda para a saúde.* São Paulo: Hucitec, 1996. p. 233-300.

_____, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PINTO, Céli Regina jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

PIZOA, C.A & MENEGON, N.L. **Análise ergonômica do trabalho e o reconhecimento científico do conhecimento gerado**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

UCHÔA, E.; VIDAL, J. M. Medical anthropology: conceptual and methodological elements for an approach to health and disease. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 497-504, 1994.

WAGNER, R . A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. Canguilhem normal e patológico

Anexo 1- TCLE

Fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ /Instituto Oswaldo Cruz - IOC

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO ENTREVISTADO
TCLE**

Prezado, você está sendo convidado a participar da pesquisa: “Cultura, religiosidade e saúde: de Recife ao Rio de Janeiro simbolismos e tradição no Maracatu de Baque Virado”. Desenvolvido por Thais Corrêa de Medeiros, discente da Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, IOC/ FIOCRUZ sob orientação do Professor Dr. Márcio Luiz Mello.

O objetivo central do estudo é compreender a vivência dos praticantes do Maracatu de Baque Virado em consonância com as perspectivas da promoção da saúde, investigando se este pode ser um promotor da saúde. Partindo da vivência dos próprios sujeitos envolvidos com a prática do maracatu, seus simbolismos e crenças, visando à aproximação dos três eixos propostos que são: A cultura, a religiosidade e a saúde.

Sua participação é voluntária, isto é, não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Não sendo penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Ao concordar em participar da pesquisa, você será entrevistado em um local de sua concordância. A entrevista será confidencial. Seu nome nunca será revelado. Sua participação consistirá em responder perguntas que seguem um roteiro pré-estabelecido. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos cinco anos, conforme resolução 466/12 CEP/ CONEP e orientações do CEP/IOC. Os resultados desta pesquisa serão apresentados sem nenhuma forma de identificação pessoal. Para garantir a qualidade dos dados, solicitamos a sua aprovação para que a entrevista seja gravada. A pesquisadora fará uma

devolução, ou seja, apresentará aos participantes os dados analisados ao final da pesquisa e as possíveis conclusões.

O benefício da sua colaboração com a pesquisa é identificada à partir do relato de sua vivência pessoal, ajudando a refutar ou validar o pressuposto desta pesquisa que é: o maracatu de baque virado promove saúde. Não foi identificada nenhuma previsão de risco ou desconforto na realização da entrevista.

CONSENTIMENTO

Sei que minha participação é totalmente voluntária e que poderei recusar ou abandonar este estudo sem qualquer prejuízo pessoal. Todas as informações por mim prestadas serão sigilosas e utilizadas somente para esta pesquisa. A divulgação das informações será anônima e em conjunto com as respostas de um grupo de pessoas. Eu li este formulário e recebi uma via do mesmo. A outra via foi entregue ao entrevistador.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em pesquisa do IOC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o Comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Endereço: Avenida Brasil, 4036, sala 705 - Campus Expansão - Manguinhos - RJ.

Tel. (21) 3882-9011

E-mail cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local: _____ Data: __/__/__

Assinatura do entrevistado

Thais Corrêa de Medeiros- Pesquisadora responsável- (21) 98422-6747

Anexo II – Parecer CEP

**FUNDAÇÃO OSWALDOCRUZ
FIOCRUZ/IOC
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Cultura, religiosidade e saúde: de Recife ao Rio de Janeiro simbolismos e tradição no Maracatu de Baque Virado

Pesquisador: Thais Corrêa de Medeiros

Instituição Proponente: Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ/IOC

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31769014.2.0000.5248

Patrocinador Principal: financiamento próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 775.751

Data da Relatoria: 12/08/2014

Partindo de vivências pessoais da pesquisadora, será investigada a relação entre promoção de saúde e uma prática cultural (maracatu de baque virado). A pesquisa utilizará observação participante de caráter etnográfico, com intenção de uma análise aprofundada das características dos fenômenos que se apresentarem e a não efetuação de uma generalização dos resultados obtidos. A amostra terá um caráter não probabilístico intencional, buscando assim dez sujeitos que estejam de alguma forma, relacionados à vivência do maracatu de baque virado. Tanto em seu núcleo natal como na cidade do Rio de Janeiro. A coleta dos dados ocorrerá por meio de entrevistas individuais, onde os sujeitos serão convocados a falarem de suas experiências pessoais, utilizando assim o que Miriam Goldenberg (2004) indica como o método biográfico, especificamente a história oral de vida.

Apresentação do Projeto:

Investigar se a prática do Maracatu de Baque Virado promove saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Apreender a partir das experiências pessoais dos sujeitos que praticam o Maracatu de Baque Virado, seus simbolismos e crenças em relação à religiosidade e a saúde.

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão) Manguinhos **Bairro:** Manguinhos **Cep:** 21.040-360 **UF:** RJ
Município: Rio de Janeiro **Tel:** (21)3882-9011 **E-mail:** cepfiocruz@ioc.fiocruz.br **Fax:** (21)2561-4815



FUNDAÇÃO OSWALDOCRUZ FIOCRUZ/IOC



Continuação do Parecer: 775.751

Analisar a forma de interação destes sujeitos e as possíveis redes de apoio que fortaleceriam ou criariam novas identidades. Questionar se os conceitos de saúde estão relacionados às práticas cotidianas e se estes impactam, transformam ou colaboram com suas vidas de alguma maneira. Interpretar os elementos que a cultura do Maracatu de Baque Virado venha a nos fornecer, visando compreender as escolhas, redes e subjetividades dos indivíduos que fazem parte desta prática e que impactam na saúde dos indivíduos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está suficientemente claro em seus propósitos e devidamente fundamentado. É do Grupo III, e, portanto, não necessita de submissão à CONEP antes de ser iniciado. Nessa segunda versão do projeto, a pesquisadora responsável incluiu os documentos solicitados no primeiro parecer e respondeu aos questionamentos do primeiro parecer.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados a folha de rosto, projeto de pesquisa, cronograma atualizado, orçamento da pesquisa, termo de consentimento livre e esclarecido.

Recomendações:

Apresentar relatórios parciais (anuais) e relatório final do projeto de pesquisa é responsabilidade indelegável do pesquisador principal. Qualquer modificação ou emenda ao projeto de pesquisa em pauta deve ser submetida à apreciação do CEP Fiocruz/IOC.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz (CEP FIOCRUZ/IOC), em sua 196ª Reunião Ordinária, realizada em 26.08.2014, de acordo com as atribuições definidas.

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão) Manguinhos

Bairro: Manguinhos **Cep:** 21.040-360 **UF:** RJ **Município:** Rio de Janeiro Tel: (21)3882-9011 **E-mail:** cepfiocruz@ioc.fiocruz.br **Fax:** (21)2561-4815



FUNDAÇÃO OSWALDOCRUZ
FIOCRUZ/IOC



Continuação do Parecer: 775.751

na Resolução CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo. O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

RIO DE JANEIRO, 02 de Setembro de 2014

Assinado por:

**José Henrique da Silva Pilotto
(Coordenador)**

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão) Manguinhos

Bairro: Manguinhos **Cep:** 21.040-360 **UF:** Rj **Município:** Rio de Janeiro
Tel: (21)3882-9011 **E-mail:** cepfiocruz@ioc.fiocruz.br **Fax:** (21)2561-4815

Anexo III- Autorização Imagem

Fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ /Instituto Oswaldo Cruz - IOC

AUTORIZAÇÃO PARA FOTOGRAFIA E FILMAGEM

Por meio deste documento autorizo a pesquisadora Thais Corrêa de Medeiros ou o(s) seu(s) representantes(s) por ela designado(s), a fazer fotografias, vídeos, filmes para fins de informação, pesquisa, divulgação em periódicos ou em outros meios de divulgação científica, podendo ser coloridos ou em preto e branco.

Autorizo, ainda, que a reprodução e multiplicação dessas imagens possam ser acompanhadas ou não de texto explicativo, abrindo mão de qualquer de qualquer compensação financeira pelo seu uso.

Data: ____/____/____

Nome completo: _____

Telefone: _____

Identidade: _____

Assinatura: _____

Anexo IV - Roteiro entrevistas

- Saber da trajetória pessoal que o liga ao Maracatu de baque virado e de suas histórias de vida.
- O Maracatu de baque virado abriu o contato para outros tipos de arte e cultura?
- O entrevistado tem alguma religiosidade, se positivo se esta tem alguma relação com o Maracatu de baque virado?
- Saber se o entrevistado faz algum link entre o Maracatu de baque virado e a saúde.

Anexo IV– Fotos

Sede Nação Estrela Brilhante- Alto José do Pinho- Recife/ PE



Tambores e Batuqueiros Nação Estrela Brilhante do Recife. Av. Dantas Barreto Recife/ PE



Rainha Marivalda- Av. Dantas Barreto- Recife/ PE



Dama do Paço com a calunga Joventina- Av. Dantas Barreto- Recife/ PE



Dama do Paço com a calunga Erundina- Av. Dantas Barreto- Recife/ PE



Mestre Walter- Foto: AF Rodrigues

